


UMA FERRAMENTA DE ASSESSORIA DE IMPRENSA: A ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-149>

Data de submissão: 10/11/2024

Data de publicação: 10/12/2024

Luiz Eduardo Maciel Lopes

Oficial de Estado-Maior e Mestre Profissional em Operações Militares
Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias

RESUMO

A intenção deste estudo é a estruturação de uma ferramenta que permita ao assessor de imprensa compreender escolhas adotadas dentro do processo editorial de veículos de comunicação em mídia impressa, considerando-se a necessidade de entendimento do posicionamento desses veículos diante de fatos atinentes à Instituição da qual o assessor faz parte. Para isso, foi utilizada uma adaptação do método de pesquisa análise de enquadramento jornalístico, estruturando-o a partir do processo produtivo dos próprios jornais. A partir da organização do instrumento de pesquisa, o mesmo foi aplicado no enquadramento realizado pelo Jornal O Globo sobre a operação Guanabara, realizada pelo Exército Brasileiro em 2003, na cidade do Rio de Janeiro. Como conclusão, foi verificado o potencial de utilização de um método semelhante para a mesma análise, a respeito de mídias radiodifundidas ou televisivas.

Palavras-chave: Análise de Enquadramento. Assessoria de Imprensa. Operação Guanabara. Jornalismo. O Globo.

1 INTRODUÇÃO

O Caderno “Falando com a Imprensa” do Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro é assertivo ao declarar que “a chave do bom diálogo com a mídia é mantê-la informada, de maneira proativa, com fatos concretos e corretos”. E prossegue: “vários fatos descritos com exatidão, entretanto, podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir uma informação ou inseri-la pode alterar o significado da notícia.” (COMANDO DO EXÉRCITO, 2013, p. 15; 16)

Por outro lado, o profissional militar, ao assumir a Seção de Comunicação Social de uma Organização Militar, normalmente, desconhece a linha editorial dos veículos com os quais terá contato, tendo, a respeito desses, apenas matérias coletadas nos arquivos da Seção ou referências de seu antecessor. Como estabelecer um relacionamento sólido, sem conhecer como se estrutura o discurso do interlocutor? Como perceber o processo de intermediação, para reduzir as distorções?

A necessidade de proatividade descrita no “Falando com a Imprensa” acaba por implicar a produção de cenários prospectivos para a divulgação institucional em mídia espontânea. Há, nesse sentido, os critérios de noticiabilidade, listados nesse mesmo documento, quais sejam: ineditismo, improbabilidade, interesse, apelo e empatia (COMANDO DO EXÉRCITO, 2013), que se prestam a facilitar o reconhecimento de quais fatos podem ser noticiados, mas não indicam em quais veículos ou de que forma. O mesmo caderno recomenda a busca de uma personalização da informação e o seu encaminhamento apenas a quem possa ter interesse na pauta.

Estrutura-se, então, o problema de pesquisa: há alguma forma de analisar o texto jornalístico que permita traçar inferências sobre a linha editorial dos veículos, de forma a facilitar a personalização da informação e a divulgação proativa e eficaz da mensagem oficial da Força?

A ferramenta que se apresenta para observação de como os conteúdos oferecidos pela instituição reverberam nos meios de comunicação é o *clipping* que:

consiste na análise de conteúdo, aproveitamento dos releases, número de menções ou inserções na mídia, que podem ser codificados em gráficos de controle (BONELLA et al, 2015, p. 235).

O *clipping* jornalístico, se estruturado de forma quantitativa, propicia informações quanto à quantidade de matérias publicadas, ao espaço ocupado, restringindo os resultados mais à dimensão da repercussão do que às suas características. Além disso, ele pode ser considerado uma aferição de retorno de tudo que foi publicado sob a forma de mídia espontânea a respeito de uma organização (BONELLA et al, 2015). Essas características restringem a possibilidade de utilização do *clipping*

para propiciar o entendimento dos ganchos adotados pelos jornalistas ou pelos veículos de comunicação, que poderiam permitir inferir as linhas editoriais dos mesmos.

Há uma outra ferramenta de pesquisa em comunicação, que pode responder de forma mais completa ao problema de pesquisa já citado: a análise de enquadramento jornalístico. Ela consiste, grosso modo, na interpretação de mensagens mediáticas como representações instauradas pelas escolhas do texto jornalístico (CUNHA, 2005).

O entendimento de como o veículo estabelece suas representações pode conferir consistência à compreensão da linha editorial do mesmo, facilitando a confecção do *mailing* – relação de contatos do assessor de imprensa (BONELLA et al, 2015). A análise de enquadramento jornalístico, então, pode abrir espaço para uma interação mais bem fundamentada com os órgãos de imprensa.

Este trabalho teve como objetivo geral estruturar uma ferramenta que permitisse ao comunicador social do Exército inferir a linha editorial de veículos de comunicação diante dos fatos atinentes à Instituição. A fim de atingir o objetivo geral de estudo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: compreender a análise de enquadramento jornalístico como técnica de pesquisa científica em comunicação, construir uma ferramenta com base na análise de enquadramento e aplicar a ferramenta no enquadramento realizado pelo jornal O Globo sobre a operação Guanabara, realizada pelo Exército em 2003, na cidade do Rio de Janeiro, para atestar sua aplicabilidade.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica para a estruturação do instrumento de pesquisa, a criação do instrumento, propriamente dito, e a análise de enquadramento da cobertura jornalística realizada pelo jornal O Globo, a respeito da operação Guanabara, ocorrida em 2003.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A análise de enquadramento jornalístico tem sido realizada por meio de duas abordagens: a indutiva e a dedutiva. A primeira implica analisar as matérias sem uma grade prévia, de modo a revelar a gama de enquadramentos que se apresentam. Já a abordagem dedutiva envolve a definição prévia dos enquadramentos, buscando verificar sua ocorrência em uma amostra de notícias (SEMETKO; VALKENBURG, 2000, apud SOARES, 2006).

Em ambos os casos, uma questão que se levanta é como evitar que o sujeito que se predispõe a realizar a análise de enquadramento consiga reduzir o impacto da própria subjetividade. Para o assessor de comunicação, essa é uma questão fundamental, uma vez que para pautar seu relacionamento com os diversos veículos de comunicação, ele precisa compreender como esses se relacionam com os temas que ele pode oferecer para obtenção de mídia espontânea, e a sua opinião, pura e simples, não traz um registro preciso.

Ora, por um lado, analisar as matérias sem uma grade prévia implicaria em uma maior liberdade para permitir o aparecimento dos enquadramentos adotados, porém, esbarraria na seletividade do pesquisador, que estaria certamente atrelada aos seus conhecimentos e sentimentos prévios. Da mesma forma, definir previamente os enquadramentos e procurá-los no texto jornalístico sugere a busca da constatação das próprias opiniões no objeto de pesquisa. Ao definir previamente os enquadramentos baseado em contextos sócio-políticos, não estará o pesquisador construindo categorias por meio de seus conceitos prévios e opiniões pessoais sobre os temas e os próprios veículos objetos de estudo? Ou seja, ao propor o enquadramento, não está o pesquisador reenquadrando, em uma perspectiva particular, aquilo que já foi enquadrado?

Assim, optou-se por buscar no autor que elaborou os conceitos atinentes à análise de quadros, em sua teoria antropológica, as definições primeiras a partir das quais se calcaram as pesquisas posteriores, incluindo o método de análise de enquadramento jornalístico, quais fossem:

Quadro é a palavra usada para se referir aos princípios de organização, observáveis por um indivíduo, que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e o envolvimento subjetivo neles, que permitem a definição das situações (GOFFMAN, 2012). Enquadramento, logo, é o encaixe de uma situação em um determinado quadro interpretativo compartilhado socialmente.

O enquadramento é um marco interpretativo construído socialmente que permite às pessoas atribuírem sentido aos acontecimentos e às situações sociais, basicamente, respondendo à pergunta: o que está acontecendo aqui? (GOFFMAN, 1974 apud SOARES, 2006, p. 451)

O enquadramento, então, pode ser considerado uma forma de interpretação de situações sociais, construída dentro de uma cultura, que permite aos indivíduos do grupo humano, abarcado por essa cultura, posicionarem-se e reagirem diante das mesmas.

Na construção social dos quadros, há esquemas primários, que são aqueles que se pensa que convertem em algo significativo aquilo que de outro modo seria um aspecto da cena desprovido de significação. A aplicação desse esquema ou perspectiva é considerada, por aqueles que a aplicam, como não dependendo de – nem retornando a – alguma interpretação anterior ou original (GOFFMAN, 2012). O esquema primário é, portanto, uma primeira representação de um fato recém-observado, um primeiro enquadramento.

O tom, por sua vez, é um conjunto de convenções pelas quais uma dada atividade, já significativa em termos de algum esquema primário, é transformada em algo pautado sobre esta atividade, mas visto pelos participantes como algo muito diferente. A tonalização é o processo de transcrição de um fato enquadrado por um esquema primário ou por uma tonalização prévia para um

novo quadro socialmente aceito e interpretado de forma totalmente diferente do anterior. As tonalizações parecem variar de acordo com o grau de transformação que produzem (GOFFMAN, 2012).

Uma camada ou laminação é o acréscimo realizado por cada transformação ocorrida por tonalização. O efeito obtido pelo acréscimo de camadas significativas “enquadrantes” é a existência de uma camada interna, relativa ao que o fato significa em um esquema de correspondência primário, e uma borda externa, relativa às concessões significativas fornecidas pela situação ou pelo meio no qual o fato foi veiculado (GOFFMAN, 2012). Se um indivíduo presencia um fato, ele está sujeito às suas referências culturais e experiências para decodificá-lo, essa é a sua borda interna. Se ele, por outro lado, ouve o relato de um fato feito por outra pessoa, as impressões que possui a respeito do narrador compõem, juntamente com o sentido conferido à narrativa, a borda externa do fato narrado.

A reconstituição técnica é um tipo de tom que consiste em uma faixa do que poderia ter sido uma atividade ordinária, executada fora de seu contexto habitual para fins utilitários abertamente diferentes dos da execução original, entendendo-se que o resultado original da atividade não ocorrerá. Dentro da reconstituição técnica, há os *replays* de uma gravação de uma faixa de atividade real com o propósito de estabelecer como um fato, como tendo ocorrido, algo que aconteceu no passado. Para tal, também podem ser exibidas provas (*exhibits*), como fotografias ou registros escritos (GOFFMAN, 2012). A reconstituição técnica pode ser entendida como a extração de uma determinada representação do real para compor uma tonalização que permita compreender esse real, que por algum motivo não foi percebido como esquema primário.

A maquinação é o esforço intencional de um ou mais indivíduos, destinado a manobrar uma atividade de modo que uma ou mais pessoas sejam induzidas a ter uma falsa convicção a respeito daquilo que está ocorrendo. Trata-se de um plano perverso, de uma trama ou projeto traiçoeiro que – quando concretizados – levam à falsificação de alguma parte do mundo (GOFFMAN, 2012).

A partir desses conceitos, considerou-se o veículo de imprensa um grupo humano organizado, que possui uma cultura estruturante que permite aos seus profissionais compreenderem o que é ou o que se tornará notícia e quais os parâmetros que indicam como o discurso tomará forma, priorizando determinados acontecimentos em detrimento de outros. O compartilhamento desse saber é nitidamente uma operação gnóstica, com ritos de passagem e forte conotação de conhecimento secreto, só acessível a uns poucos iniciados, os próprios jornalistas (PENA, 2015).

Nesse sentido, podem-se elencar três saberes fundamentais aos jornalistas:

Saber de Reconhecimento: é a capacidade de saber quais são os fatos que merecem virar notícia. Ou seja, como atribuir valor a critérios de noticiabilidade segundo o que chamam de faro jornalístico.

Saber de Procedimento: são os conhecimentos necessários para obter as informações e elaborar a notícia.

Saber de Narração: é a capacidade de aglutinar as informações mais pertinentes em uma narrativa noticiosa de forma interessante para o público (PENA, 2015, grifo do autor, p.139).

Cada um desses saberes parece corresponder a uma etapa da produção da notícia, de acordo com um método que deveria ser objetivo (PENA, 2015), restando a subjetividade ao jornalista. No campo jornalístico, a objetividade corresponde à noção de que as notícias podem ser o espelho da realidade, desde que sejam usados procedimentos de objetivização do discurso (SOUSA, 2001). A esse método, a esses procedimentos, estão submetidos os profissionais de imprensa e o próprio veículo, quer pelo reduzido espaço gráfico, quer pelo imperativo de escalonar os fatos em ordem de importância, quer pela necessidade de atrair o consumidor do produto.

Assim, pode-se pensar uma “personalidade editorial coletiva”, ao mesmo tempo em que as ideias esboçadas no próprio projeto dependem da “densidade da cultura interna”. Essa personalidade coletiva e essa cultura interna são as responsáveis pela difusão e perpetuação dos saberes esboçados no tópico anterior, conferindo uma tonalização mais uniforme para todo o produto (FOLHA DE S. PAULO, 2001, p. 10).

Em outras palavras, os saberes elencados acima produziram “*os enquadramentos da mídia, que são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais, os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual de forma rotineira*” (PORTO, 2004 apud SOARES, 2006, grifo do autor, p.451).

Isso se torna especialmente importante, porque a borda externa ao tom documental, no qual está inserida a atividade jornalística, praticamente não existe, isso porque ele possui um poder impressionante de inibir os sentidos originais (GOFFMAN, 2012). Tal fato significa que o leitor não aborda um texto jornalístico como algo que foi tonalizado, transformado pelo uso fora do contexto original, ele o percebe como a expressão da realidade, ou seja, o meio confere à mensagem uma credibilidade que a torna praticamente real.

Tendo esses pressupostos em mente, buscou-se levantar as imposições profissionais que orientam o trabalho de produção da notícia executado pela “personalidade editorial coletiva” (FOLHA DE S. PAULO, 2001, p. 10), para estruturar um instrumento que permitisse observar e compreender as escolhas adotadas para a elaboração das reportagens, inseridas dentro do processo de produção.

O projeto gráfico de um veículo de mídia impressa, nesse sentido, além de fornecer uma identidade ao produto, necessita de flexibilidade para que se possa organizar uma gama imensa de

notícias diferentes, diariamente. Com isso, na atualidade, o design dos jornais baseia-se geralmente numa organização modular, ou seja, de uma forma sintética, baseia-se na divisão das páginas em parcelas funcionais e intercambiáveis (mas integradas no todo) que são ocupadas por elementos compostos (título e texto corrido, imagem e texto, infográfico, etc.) (SOUSA, 2001).

Ainda no que concerne ao sistema modular, há que se ter em mente que a aparência visual das páginas se relaciona com a indução de significados. A aproximação de módulos pode ocasionar uma aglutinação dos mesmos em um único campo semântico. O objetivo, então, da diagramação de um produto impresso é fazer o órgão de comunicação atraente e interessante, facilitar a sua leitura e compreensão, hierarquizar as informações e conservar o estilo ao longo de um período de tempo. (SOUSA, 2001).

A seguir, foi feito um resumo de considerações que permitem compreender a hierarquização das informações em uma página de jornal, de acordo com estudos laboratoriais:

- a. os leitores tendem a entrar nas páginas a partir do local onde estão os mais poderosos elementos gráficos, movendo-se, posteriormente, para outras imagens, em função do seu grau de relevância, e/ou para os títulos mais proeminentes;
- b. tendencialmente, quanto maior for o tamanho de uma imagem, mais atenção ela gera;
- c. o conteúdo, o tamanho e a colocação das fotografias e restantes imagens são tendencialmente elementos mais importantes do que a cor.
- d. os infográficos tendem a ser processados por cerca de 70% dos leitores .
- e. os leitores, usualmente, não veem duas páginas como duas unidades discretas mas sim como uma única unidade; por exemplo, comumente os leitores entram nesse conjunto observando a fotografia dominante da página ímpar e olham seguidamente para a fotografia ou título dominante na página par;
- f. os leitores, normalmente, reparam na maior parte dos elementos imagéticos, embora não os processem todos; inversamente, apenas costumam reparar em cerca de 25% do texto; (GARCÍA; STARK; MILLER, 1991 apud SOUSA, 2001).

O ato de hierarquizar as informações por meio da edição gráfica denota uma seleção de prioridades que busca adequar-se à forma como o leitor consome o produto, com o objetivo de ajudá-lo a orientar-se no mundo referencial e representacional que o jornal lhe propõe, ou seja, pode dar ao leitor pistas para a construção pessoal de um mapa mental do mundo (SOUSA, 2001).

As exigências de espaço impostas pela diagramação das páginas e a necessidade de atrair a atenção do leitor acabaram por consolidar uma estrutura redacional específica, também para o texto jornalístico. Trata-se da pirâmide invertida, que consiste em um relato que prioriza não a sequência

cronológica dos fatos, mas escala em ordem decrescente os elementos mais importantes, na verdade os essenciais, em uma montagem que os hierarquiza de modo a apresentar inicialmente os mais atraentes, terminando por aqueles de menor apelo (PENA, 2015).

Essa pirâmide invertida, na verdade, deve considerar o texto como um todo, incluindo seu título. Isso porque o título faz parte da hierarquização gráfica que compõe o percurso do leitor na página, compondo a interseção entre o projeto gráfico e o texto. Nesse contexto, é compreensível a afirmação de que “um título não é um ato jornalístico, mas um ato de marketing” (EVANS, 1973 apud SOUSA, 2001, p. 413).

O primeiro parágrafo do texto jornalístico é chamado de *lead* ou lide, e nada mais é do que um relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê? quem? como? onde? quando? e por quê? Ele funciona como uma espécie de “rede” que envolve e segura o receptor daquela informação. Os dados são apresentados numa articulação tal que ao leitor resta ir até o fim, sem qualquer convite à pausa, por isso o lide clássico costuma ter um só ponto final (PENA, 2015).

Os demais parágrafos do texto trazem as informações consideradas pelo veículo de imprensa como menos relevantes ou menos impactantes. Tal estrutura tem um propósito dentro da edição gráfica: quando se torna necessário reduzir a extensão de uma peça redigida em blocos estruturados sob a forma de pirâmide invertida, podem-se cortar parágrafos a partir do final da peça que não se perde a informação mais importante nem ficam ideias a meio (SOUSA, 2001).

Por outro lado, a confecção de qualquer texto exige a existência de signos comuns àquele que escreve e àquele que lê. No caso do texto jornalístico, em especial, a questão do espaço, já abordada, e a pressão do deadline ampliam a busca pelo estabelecimento de modelos prontos, cuja aceitação é garantida. É por esse meio que se instaura a generalidade do particular e as notícias tornam-se exemplos de algo sobre o que há um consenso ideológico (LAGE, 1979, apud PENA, 2015). Dentro do texto, os enquadramentos de notícias são construídos, então, por palavras, metáforas, símbolos, ironias, imagens visuais, insinuações e sugestões da narrativa noticiosa (SOARES, 2006).

Assim, em uma página de jornal a ser analisada, as informações encontram-se articuladas em três níveis “enquadrantes”, onde a ação subjetiva, para a composição da página, é necessária: o primeiro é o gráfico, o segundo, o textual e o terceiro, o vocabular.

O nível gráfico exige a hierarquização da informação com um viés mais comercial, para tornar o veículo mais atraente ao público. Ainda no nível gráfico, cabe ressaltar o papel preponderante atribuído às fotografias e infográficos na construção do mapa mental proposto pelo jornal ao leitor

(SOUSA, 2001). A aproximação de módulos de notícias, dentro da estrutura modular da diagramação, pode conferir um sentido mais amplo que abarque dois ou mais módulos.

O nível textual reflete-se na hierarquização dos fatos dentro de uma matéria, por meio da pirâmide invertida. Nesse nível, a importância conferida a um fato, em detrimento de outros indica um sentido de coesão textual, sobre o qual a matéria se organizará. É natural, por isso, que os demais fatos da matéria se estruturam de forma a sustentar um enquadramento fornecido pelo lead. Ao mesmo tempo, a adoção de uma ordem diferente da cronológica pode conferir, por aproximação, uma relação de causa e efeito, originalmente inexistente. Com isso, percebe-se que o tom, no nível textual se dá como estratégia de coesão.

Por último, no nível propriamente vocabular, estão as escolhas de palavras em torno daquilo que compõe o campo semântico do objeto a respeito do que se noticia. Nesse caso, conceitos que o jornalista pressupõe comuns também ao leitor são úteis à concisão imposta pelos espaços limitados dos projetos gráficos.

O título de uma matéria é a interseção entre os três níveis, porque a insere na diagramação, dentro da hierarquia estética da página, ao mesmo tempo em que entra, no texto, como mais importante que o lead, na pirâmide invertida e, como é composto por palavras e deve ser conciso, pode carregar as conotações vocabulares atribuídas a um determinado assunto no corpo do texto.

Considerou-se cada nível citado como uma laminação, ou seja, um acréscimo realizado por cada transformação ocorrida por tonalização (GOFFMAN, 2012), para que ocorra o efeito final de reconstituição técnica, aceito socialmente para o texto jornalístico. Em resumo, podem ser elencadas as seguintes camadas (laminadas) presentes em uma página de jornal e suas consequências de compreensão semântica:

Tabela 1 – Camadas de Enquadramento em uma Página de Jornal

Camada Gráfica	Hierarquia por impacto visual	
	Significados de fotografias e infográficos	
	Adoção de significados por aproximação gráfica	
Títulos	Inserção gráfica	
	Inserção textual	
	Composição vocabular	
Camada Textual	Hierarquia pela pirâmide invertida	Lead
		Sublide (se houver)
		Demais fatos da pirâmide
Camada Vocabular	Adoção de significados pela estratégia de coesão textual	
	Palavras e frases atribuídas ao campo semântico do objeto	

Fonte – O Autor (2016)

3 INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO

Após a compreensão das camadas que pautam os níveis de escolha que compõem o processo produtivo das notícias, buscou-se aplicar na preparação do instrumento de pesquisa a metodologia usualmente empregada para a pesquisa por análise de enquadramento. Assim, a análise de enquadramento pode ser realizada de acordo com o roteiro para pesquisas em comunicação: (1) definição do objeto, (2) observação, (3) descrição, (4) interpretação (LOPES, 2003, apud SOARES, 2006).

3.1 DEFINIÇÃO DO OBJETO

A definição do objeto da análise de enquadramento, proposto aqui, é a representação a que foi submetido o Exército Brasileiro dentro de um determinado *corpus* textual. Como se busca compreender de que forma um determinado veículo comumente enquadra os fatos atinentes à Instituição, é interessante que se selecione, no arquivo, toda a produção jornalística fornecida pelo veículo a respeito de um evento específico em que o Exército teve longa exposição na mídia, como grandes operações, etc. Ao selecionar o evento, é interessante que esse tenha tido algum fato controverso, que possa ter mudado a tonalização fornecida pelo veículo à atuação da Instituição. A reunião das páginas de jornal, ou das reportagens, disponíveis em arquivo, comporá o *corpus* de estudo.

Assim, na definição do objeto, é interessante que sejam relacionadas palavras que compõem o campo semântico relativo ao Exército e que podem figurar como sujeitos executantes dos fatos descritos, como: soldado, tropa, pelotão, companhia, batalhão, porta-voz, comandante, etc. Esse campo representa o “esquema primário” estabelecido como ponto de partida para as tonalizações subsequentes. O objeto de pesquisa é a interação desse campo semântico Exército com o *corpus* textual. Por exemplo: Caso haja um título: “4 mil homens do Exército chegam às ruas do Rio”, percebe-se que há outras escolhas textuais, dentro do campo semântico do Exército que poderiam substituir 4 mil homens, como “tropas”, entre outras, porém pode-se inferir que o veículo priorizou enquadrar o início da operação dentro de uma ideia de grande quantidade de efetivos.

A definição do objeto fica, então, organizada na tabela abaixo:

Tabela 2 – Definição do Objeto

Definição do Objeto	Seleção do Corpus Textual	Matérias de um mesmo veículo sobre evento de grande e longa exposição na mídia.
	Registro do campo semântico Exército	Seleção de palavras para compor o campo semântico Exército

Fonte - O Autor (2016)

3.2 OBSERVAÇÃO

A observação será realizada, no instrumento, por uma análise da composição gráfica das páginas, calcada nos tópicos já levantados na tabela 1, para a camada gráfica.

A hierarquia por impacto visual fornece o grau de importância dado à operação do Exército diante de outros assuntos citados na mesma página. Já os significados fornecidos por fotografias e infográficos, relativos à matéria em questão começam a deslindar o enquadramento, propriamente dito. Por exemplo, uma foto em que um soldado (componente do campo semântico Exército) foi flagrado em um comportamento desleixado durante a operação denota um viés de “falta de preparo profissional”. Cabe lembrar que aquela foto, para constar da página, foi selecionada e aprovada por editores em diferentes níveis e sua importância no mapa mental oferecido ao leitor é maior que a do texto.

A possibilidade da adoção de significados por aproximação gráfica deve ser verificada a partir dos módulos de notícia próximos ao da matéria que veiculou a operação, na página. Assim, ao observar os módulos de notícia, convém perceber os que circundam a matéria e se acrescentam ou não significados à mesma.

Quanto ao título, nesse momento, é interessante raciocinar com sua inserção na diagramação. Isso significa analisar a importância conferida a ele, de acordo com o impacto visual, em comparação com os outros elementos gráficos da página. Também é interessante raciocinar que título e foto da matéria (quando houver) são dois módulos gráficos que necessariamente estão próximos, logo, o significado de ambos sempre estará associado.

Assim, cabe ressaltar, em primeiro lugar a ideia de redundância, como elemento fundamental à comunicação, diretamente ligado à sua eficácia. “Redundar não é somente repetir, mas reforçar uma informação” (PENA, 2015, p. 80). Um exemplo de redundância entre o enquadramento de uma foto e um título ficaria caracterizado se, no caso do exemplo da foto em que o soldado encontra-se de forma desleixada durante a operação, o título se referisse ao soldado como “jovem de 18 anos”. Ora, o enquadramento de “falta de preparo” estaria presente na foto e no título, configurando a redundância.

Feitas essas considerações, a análise de enquadramento da camada gráfica ficaria sistematizada na tabela abaixo:

Tabela 3 – Análise da Camada Gráfica

Análise da Camada Gráfica de uma página de jornal	Hierarquia por impacto visual	Grau de importância diante de outros assuntos na página
	Significados de fotografias e infográficos	Como o campo semântico Exército aparece nessas representações
	Adoção de significados por aproximação gráfica	Composição de significados com as matérias próximas

	Inserção gráfica do título	Posição na hierarquia da página
		Composição de significado título X foto (redundância?)

Fonte – O Autor (2016)

A observação sistemática do texto é o próximo passo estabelecido para a análise de enquadramento (SOARES, 2006). A proposta, no instrumento que se delineia, é, em primeiro lugar, observar todos os fatos que compõem cada matéria selecionada. Não é possível saber todos os fatos aos quais o jornalista teve acesso, para que se pudesse inferir como realizou a seleção, mas é possível verificar para quais deu mais importância, porque é sabido que seu texto respeitou a técnica da pirâmide invertida.

O título e a linha fina (caso exista) têm um papel mais preponderante do que o próprio lead, mas como também têm apelo gráfico, podem sofrer a interferência de mais profissionais, dentro da redação do veículo, do que o texto propriamente dito. Assim, a relação título – lead deve ser considerada de forma semelhante à relação foto – título, no sentido da produção de significados por aproximação e a possibilidade de redundância.

A análise da camada textual deve, então, procurar fazer transparecer esses aspectos, seguindo a sistematização estabelecida na tabela abaixo:

Tabela 4 – Análise da Camada Textual

Análise da Camada Textual de uma reportagem	Separação dos fatos que compõem a matéria	Organização em conjuntos significativos isolados
	Lead e sublide (quando houver)	Enquadramento fornecido pelo lead e sublide
	Estratégia de coesão textual	Relações de causa e efeito ou outro tipo de instrumento coesivo?
	Inserção textual do título	Composição de significado título X lead (redundância?)

Fonte – O Autor (2016)

A leitura sistemática prossegue em direção à seleção vocabular utilizada para caracterização dos fatos e personagens que compõem o texto jornalístico. A observação do texto deve ser feita, prioritariamente, sobre como foram representadas as ideias correlatas ao campo semântico Exército Brasileiro. A partir daí, o pesquisador observa como cada uma das ideias levantadas como componentes do campo semântico Exército é representada nos títulos, textos e legendas, identificando e fazendo uma relação dos substantivos, adjetivos, frases, metáforas, metonímias e ironias, usados para referi-las, de modo a construir uma lista de expressões relativas a elas. “Estes repertórios formam os dados brutos preliminares que serão tratados na fase seguinte” (SOARES, 2006, p. 463).

Tabela 5 – Análise da Camada Vocabular

Camada Vocabular	Palavras e frases que enquadram o campo semântico Exército Brasileiro	substantivos, adjetivos, frases, metáforas, metonímias e ironias.
------------------	---	---

Fonte - O Autor (2016)

O instrumento completo de observação do enquadramento proposto pode ser visualizado na tabela abaixo:

Tabela 6 – Instrumento de observação do enquadramento jornalístico

Definição do Objeto	Seleção do Corpus Textual	Matérias de um mesmo veículo sobre evento de grande e longa exposição na mídia.
	Registro do campo semântico Exército	Seleção de palavras para compor o campo semântico Exército
Análise da Camada Gráfica da Página	Hierarquia por impacto visual	Grau de importância diante de outros assuntos na página
	Significados de fotografias e infográficos	Como o campo semântico Exército aparece nessas representações
	Adoção de significados por aproximação gráfica	Composição de significados com as matérias próximas
	Inserção gráfica do título	Posição na hierarquia da página Composição de significado título X foto (redundância?)
Análise da Camada Textual da Reportagem	Separação dos fatos que compõem a matéria	Organização em conjuntos significativos isolados
	Lead e sublide (quando houver)	Enquadramento fornecido pelo lead e sublide
	Estratégia de coesão textual	Relações de causa e efeito ou outro tipo de instrumento coesivo?
	Inserção textual do título	Composição de significado título X lead (redundância?)
Análise da Camada Vocabular da Reportagem	Palavras e frases que enquadram o campo semântico Exército Brasileiro	Palavras (substantivos e adjetivos), frases, (figuras de linguagem (metáforas, metonímias e ironias)

Fonte: O Autor (2016)

3.3 DESCRIÇÃO

As observações pontuais realizadas na fase anterior, para cada uma das camadas, anotadas como enquadramentos observados, são discriminadas e agrupadas, podendo ser dispostas como tabelas. A tabela abaixo representa uma forma de organização dos dados obtidos nas três camadas de uma página de jornal:

Tabela 7 – Exemplo de organização dos dados da análise de uma reportagem em página de jornal

1ª Reportagem	Análise da Camada Gráfica da página	Exército Brasileiro	Soldado	Brigada	Tropa
		Hierarquia gráfica da página	2/10	4/10	-
		Aproximação gráfica	Com Nr 1	Com Nr 2 Possível ineficiência da tropa	-

			Incapacidade do Estado em prover segurança		
		Foto ou Infográfico	Postura desleixada		-
		Inserção Gráfica do Título	-	Ideia de quantidade (4 mil)	-
		Enquadramento observado	Incapacidade de prover a segurança pelo Estado, emprego de tropas, despreparadas	Grande quantidade de tropas, talvez ineficientes	-
	Análise da Camada Textual da reportagem	Lead e Sublide (quando houver)	-	-	Emprego das tropas na segurança pública
		Estratégia de coesão textual	-	-	Necessidade do emprego das tropas
		Inserção textual do título	-	-	Grande quantidade de tropas
		Enquadramento observado	-	-	Possível sensação de segurança
	Análise da Camada Vocabular da reportagem	Palavras e frases atribuídas	-	-	-

Fonte – O Autor (2016)

Na tabela acima, os números 2/10 e 4/10 representam que havia 10 elementos gráficos na página sem incluir os anúncios, e que a representação adotada pelo jornal para “soldado” é a 2ª em importância, já a de Brigada é a 4ª. A aproximação gráfica com o Nr 1 para soldado significa que o representante gráfico de soldado está próximo do elemento gráfico de maior impacto visual e a associação de ambos gera o significado descrito logo abaixo, na mesma célula.

3.4 INTERPRETAÇÃO

Conforme citado anteriormente, a fase subsequente da análise de enquadramento é a análise interpretativa, que é a última etapa da investigação, momento em que se busca teorizar os dados descritos, visando à explicação ou à compreensão do enquadramento (SOARES, 2006). Na presente proposta, é o momento em que o pesquisador/comunicador social deve procurar responder à pergunta: como a Operação e o Exército Brasileiro foram enquadrados por determinado veículo? A interpretação deve priorizar os enquadramentos depreendidos da camada gráfica sobre os textuais e vocabulares, porque essa é mesma ordem de prioridade atribuída pelo veículo.

4 RESULTADOS: ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO DA OPERAÇÃO GUANABARA/2003

4.1 DEFINIÇÃO DO OBJETO

A escolha pela análise do enquadramento da operação Guanabara, realizada pelas Forças Armadas no ano de 2003, na Cidade do Rio de Janeiro, justifica-se por que ela foi deflagrada logo após uma série de eventos que denotavam um colapso na segurança pública na cidade e objetivava a manutenção de condições aceitáveis para a realização do carnaval daquele ano. As atividades operacionais transcorreram entre 28 de fevereiro e 14 de março.

A operação resultou em grande dispersão das tropas pela cidade, com o estabelecimento de postos de bloqueio e controle de vias urbanas (PBCVU) e ocupação de comunidades e pontos críticos e estava voltada para garantir a segurança das atividades que estavam sendo desenvolvidas pela população.

Assim, a Operação Guanabara representou um evento específico em que o Exército teve longa exposição na mídia. A operação ocorrida em 2003 teve, como fato controverso, a morte de um professor ao tentar atravessar um posto de bloqueio da tropa.

O jornal O Globo foi escolhido como objeto da análise de enquadramento por ser produzido e veiculado na cidade onde transcorreu a operação. É, também, o periódico impresso mais antigo que permanece em circulação no Rio de Janeiro, tendo sido inaugurado em 29 de julho de 1925 (O GLOBO, 2016). Configura-se, então, como um veículo de comunicação tradicional e com uma editoria voltada para os fatos que transcorrem na cidade onde está sediado. Isso permitiu uma inserção do veículo no contexto sociogeográfico da Operação.

Foram solicitadas, então, à redação do jornal O Globo, as reportagens disponíveis em arquivo, acerca da operação para compor o corpus de estudo. O jornal O Globo disponibilizou 03 (três) páginas de jornal atinentes à mesma. A primeira página de jornal analisada foi veiculada em 1º de março de 2013; a segunda, no dia 05; e a terceira, no dia 14.

As palavras levantadas como componentes do campo semântico Exército Brasileiro, após uma observação sumária das reportagens foram:

- a. tropa – entendida como qualquer aglomeração coletiva de soldados, organizada dentro da hierarquia militar e atuando em prol da operação;
- b. porta-voz da operação – militar ou civil selecionado para explicitar a versão oficial dos fatos atinentes às ações da tropa e suas repercussões;
- c. soldado – militar das Forças Armadas, e particularmente do Exército Brasileiro;
- d. material militar – qualquer equipamento de uso das Forças Armadas em operações, particularmente armamento e munição; e

e. Operação Guanabara – a operação propriamente dita, quando abordada em sua totalidade.

Essas palavras compõem o esquema primário, ponto de partida para as tonalizações a serem desveladas.

Tabela 8 – Definição do Objeto

Definição do Objeto	Seleção do Corpus Textual	03 Páginas do Jornal O Globo sobre a operação Guanabara, realizada em 2003.
	Registro do campo semântico Exército	tropa; porta-voz da operação; soldado; material militar; Operação Guanabara.

Fonte - O Autor (2016)

Tendo em vista a natureza do presente texto, será abordada, a título de exemplo da aplicação do instrumento, a análise de enquadramento apenas da primeira página de jornal disponibilizada, aquela que foi veiculada no dia 1º de março.

4.2 OBSERVAÇÃO E DESCRIÇÃO

4.2.1 análise da camada gráfica

Na hierarquia por impacto visual da 1ª página fornecida podem-se verificar os seguintes elementos gráficos em ordem de importância:

1. Foto com três caminhões do Exército em pista expressa;
2. Foto com viatura da Polícia Civil em uma rua com diversos transeuntes;
3. Cineminha¹ com três fotos de um assalto no Maracanã;
4. Foto de integrante do Big Brother que iria desfilar pela Escola de Samba Beija-Flor;
5. Título: “Tropas federais já ocupam ruas para garantir a paz durante o carnaval”;
6. Foto de dinamarquesa que veio aprender samba no carnaval carioca;
7. Título: “Suspeita de bomba em prédio público”; e
8. Retranca com título: “Militar preso com granada”.

¹ Jargão jornalístico utilizado para designar “uma sequência de fotos que ilustra uma matéria jornalística” (RABAÇA, BARBOSA, 2001, P.135).

Figura 1 – 1ª Página a ser analisada

Sábado, 1 de março de 2003

O GLOBO

RIO • 17

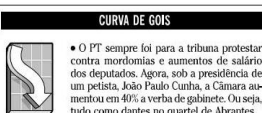


4
VIVIANE, do Big Brother 3, vai deixar a casa por algumas horas na segunda-feira para desfilir pela Beija-Flor, na Sapucaí



A DINAMARQUESA

Katrine Kijul veio ao Rio aprender os segredos do samba com o professor Antônio José. Na volta, vai abrir uma academia de samba em Kopenhagen



CURVA DE GOIS

• O PT sempre foi para a tribuna protestar contra mordomias e aumentos de salário dos deputados. Agora, sob a presidência de um petista, João Paulo Cunha, a Câmara aumentou em 40% a verba de gabinete. Ou seja, tudo como dantes no quartel de Abrantes.

COM ANA CLÁUDIA GUIMARÃES, MÁRCIA VIEIRA, MARCELO VIEIRA E JACQUELINE COSTA



Gabriel de Paiva

3



VIOLÊNCIA: Assalto no Maracanã

• Um assaltante, com a cobertura de outro bandido, aborda uma vítima num sinal de trânsito da Avenida Maracanã, próximo ao estádio de futebol ontem à tarde. O criminoso leva apenas alguns segundos para obrigar o motorista do Gol a abaixar o vidro e a lhe entregar o dinheiro que estava na carteira. Surpreso ao conferir que a nota é de dólar, o bandido foge por um viaduto, tranquilamente, junto com o comparsa.

PODER PARALELO: Ações reúnem governos municipal, estadual e federal

5

Tropas federais já ocupam ruas para garantir a paz durante o carnaval

Operação com três mil homens terá atiradores de elite em helicópteros

Múcio Bezerra

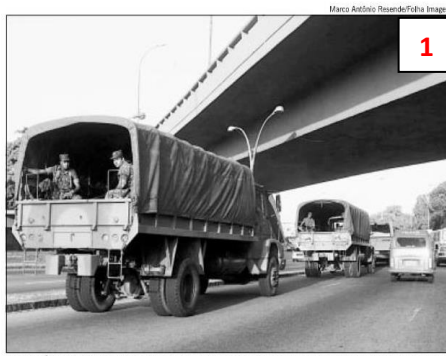
• Começou às 12h de ontem a Operação Guanabara, planejada em conjunto entre município, estado e governo federal para dar segurança ao Rio durante o carnaval. Participam soldados do Exército, da Marinha e da Aeronáutica; agentes da Agência Brasileira de Informações (Abin); polícias Federal, Rodoviária Federal e Militar; e a Guarda Municipal, sob coordenação do Centro de Operações de Segurança Integrada (Cos), sediado no Comando Militar do Leste.

Exército mantém sigilo sobre atuação das tropas

No início da tarde já havia patrulhas na Região Metropolitana. Estão nas ruas tropas de elite da Brigada Para-Quedista: do Batalhão de Forças Especiais (FE) e do Centro de Inteligência, a pé ou em veículos. O Exército também está com atiradores de elite de prontidão em helicópteros, que sobrevoam pontos considerados críticos do Rio. Cerca de três mil homens estão sendo mobilizados.

A Operação Guanabara, prevista inicialmente para terminar na Quarta-Feira de Cinzas, será coordenada pelo comandante militar do Leste, general Luiz Seldon da Silva Muniz. Por motivo de segurança, os detalhes da operação não serão divulgados pelo Comando Militar do Leste.

O coronel Ivan Cosme de Oliveira Pinheiro, chefe de Comunicação Social do Comando Militar do Leste, disse que não poderia revelar onde nem como os soldados vão agir.



CAMINHÕES DO Exército transportam homens que trabalharão no esquema, que não tem data para acabar

mas garantiu que a atuação das tropas federais será plenamente notada pela população da Região Metropolitana.

— O Exército vai atuar para garantir a ordem. Não podemos divulgar o efetivo que atuará na operação, mas os quartéis já estão de prontidão. Num planejamento militar, trabalhamos sempre com a lei da pior hipótese e já estamos prontos para atuar desde ontem (anteontem) — disse o coronel Ivan Cosme.

Esta é a primeira vez que tropas federais atuam para dar segurança ao carnaval do Rio. Soldados do Exército, da Marinha e da Aeronáutica já patrulharam a cidade durante

a conferência Rio-92 e, mais recentemente, para garantir a tranquilidade nas eleições, no ano passado. Na ocasião, o Rio foi palco de atos violentos promovidos por traficantes de drogas, a exemplo do ocorrido semana passada.

Presença do Exército foi pedida por Rosinha a Lula

As tropas federais foram pedidas ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva pela governadora Rosinha Matheus depois dos acontecimentos da última segunda-feira, quando traficantes atacaram e incendiaram ônibus, jogaram bombas em prédios e obrigaram boa parte do comércio a fechar as portas, em protesto contra a

retirada de algumas regalias de chefes do tráfico presos em Bangu I, especialmente de Fernandoinho Beira-Mar.

Dois pessoas ficaram feridas, ontem à noite, durante tiroteio no Morro do Vidigal, em São Conrado. Policiais militares do Posto de Policiamento Comunitário (PPC) da favela trocaram tiros com bandidos no morro.

Uma moradora da comunidade, identificada como Josefa Severina da Silva, foi atingida por uma bala perdida em uma das pernas. Também ficou ferido sem gravidade o soldado PM Robson Pires Vianna, de 25 anos. Os dois foram socorridos no Hospital Miguel Couto, no Lelo.

Suspeita de bomba em prédio público

Edifício ocupado pelo governo do estado no Centro teve que ser esvaziado

Ronaldo Braga

• Policiais militares do 13º BPM (Praça Tiradentes) foram mobilizados, no final da manhã de ontem, para o prédio da Secretaria estadual de Educação, que fica na Rua da Ajuda, esquina com Avenida Nilo Peçanha, no Centro. A suspeita de que haveria uma granada no edifício movimentou o 5º andar do prédio de administração do governo do estado, conhecido como Banerjão. Policiais do Esquadrão Anti-Bombas estiveram no local e, após vistoria, liberaram o prédio. Apesar do susto, nada foi encontrado.

Parte dos ocupantes dos 31 andares do Banerjão tiveram que ser retirados às pressas do prédio para que os policiais fizessem uma minuciosa vistoria. Segundo informações, por volta das 10h30m uma professora atendeu a um telefonema anônimo denunciando a existência de uma granada num dos andares. O edifício foi esvaziado por medida de precaução e os andares vasculhados pelos policiais do Esquadrão Anti-Bombas. Como nada foi encontrado, os funcionários retornaram ao trabalho em seguida.

Vice-governador despacha no prédio

Com 41.361 metros quadrados de área edificada, o prédio funciona atualmente como secretarias de estado, além da vice-governadora e de órgãos como a TurisRio. Além da Secretaria de Educação, o edifício abriga ainda as secretarias de Ciência e Tecnologia, Cultura, Educação, Energia, Indústria Naval e Petróleo, Planejamento e Desenvolvimento Econômico, Turismo, Transportes, Lâ, no 3º andar, também despacha o vice-governador Luiz Paulo Conde. ■



UM CARRO DO Esquadrão Anti-Bomba em frente ao Banerjão: prédio foi esvaziado e nada foi encontrado

Militar preso com granada

Carro dirigido por soldado pertenceria a viúva de traficante

Antônio Werneck

• Procurado por deserção, o soldado do Exército Leandro Alves Ferreira, de 21 anos, foi preso ontem de madrugada em Mangaratiba, na região da Costa Verde, depois de um acidente de carro, com uma granada das Forças Armadas. Segundo a polícia, o Renault Scénic que ele dirigia pertenceria a viúva do traficante Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê, identificada apenas Mônica. Uê foi assassinado numa rebelião comandada pelo Writal Luiz Fernando da Costa, o Fernando Beira-Mar, no presídio de Bangu I, no dia 11 de setembro do ano passado.

Levado para a 165ª DP (Mangaratiba), Leandro disse ao delegado Luiz Omena que desertara do Exército e que a granada era dele, recusando-se a admitir que desviara o

explosivo. Ele servia no 8º Grupo de Artilharia, na Vila Militar.

A prisão reforça a informação da Polícia Civil do Rio de que militares das Forças Armadas estão se aliando aos traficantes com o objetivo de desviar armas e munição dos quartéis. A Procuradora-Geral da Justiça Militar, Maria Terezinha Cauduro da Silva, criou um grupo de trabalho na Justiça Militar no Rio de Janeiro, para fazer o levantamento policial, administrativo e judicial das ocorrências de roubo nos quartéis. Como O GLOBO noticiou no domingo passado, um rastreamento realizado no estoque de 35 mil armas de guerra apreendidas na Divisão de Fiscalização de Armas e Explosivos (DFAE), identificou cerca de dez mil armas desviadas dos quartéis das polícias militares brasileiras e das Forças Armadas.

Fonte – O GLOBO, 2003

Pela hierarquia visual, percebe-se uma mescla de assuntos que englobam o início da operação do Exército, a dificuldade do Estado do Rio de Janeiro em prover a segurança pública e a aproximação das festividades do carnaval. Há que se ressaltar a presença da retranca com título: “Militar preso com granada”, em um box com a mesma dimensão das duas fotografias principais e na posição de saída do leitor da página, como mensagem final.

O campo semântico “Exército Brasileiro” foi, então, enquadrado por dois textos nessa página de jornal: uma reportagem com título “Tropas federais já ocupam ruas para garantir a paz durante o carnaval” e a retranca citada anteriormente.

Observando-se o significado da fotografia, relativa à reportagem, verifica-se o apelo à quantidade de tropas, tendo em vista a presença de um comboio com três viaturas de transporte de pessoal, o que redundava o enquadramento que surge na linha fina da matéria.

Já ao se perceber a adoção de significados por aproximação gráfica, verifica-se que a reportagem está circundada por informações atinentes ao carnaval e à falência da segurança pública do Estado do Rio de Janeiro. Porém, a semelhança do posicionamento das viaturas do Exército com a viatura da polícia civil pode implicar uma associação na qual o reforço na segurança pública proporcionado pelas Forças Armadas só estaria trazendo “mais do mesmo”.

O título da reportagem reflete em texto a sua inserção gráfica, isso, tomando por base os assuntos que o circundam, ou seja, “Tropas federais já ocupam ruas para garantir a paz durante o carnaval” resume as ideias de necessidade de garantir a paz e aproximação do carnaval. O Exército é enquadrado no título dentro de um campo semântico maior: “Tropas Federais”, o que pode indicar uma intenção de divisão de responsabilidades sobre a Operação com os demais órgãos do Governo Federal.

O título da retranca traz novamente o campo semântico Exército, dessa vez informando sobre um “Militar preso com granada”, o soldado é enquadrado como “militar” e a “granada” é tida como fruto de crime (o militar foi preso por estar com a granada?).

Pela aproximação gráfica, a retranca está circundada por uma foto onde consta uma viatura da Polícia Civil em uma rua com diversos transeuntes, um cineminha com três fotos de um assalto no Maracanã, e o título: “Suspeita de bomba em prédio público”. O mapa mental construído pelo posicionamento desses elementos gráficos ocasiona, inclusive, a dúvida se a granada poderia ser a bomba colocada no prédio público. De qualquer forma, o soldado é retratado como aquele que desviou material militar e se aproxima do assaltante de carros do Maracanã, pelo posicionamento gráfico das fotos e da retranca,

Tabela 9 – Análise da Camada Gráfica da página

1ª Página analisada	Análise da Camada Gráfica	Exército Brasileiro	tropa	Operação Guanabara	soldado	material militar	porta-voz da operação
		Hierarquia gráfica da página	5/8	1/8	8/8	8/8	-
		Aproximação gráfica	- Com nº 1, 4 e 6 - Presença da Tropa em grandes efetivos e aproximação do Carnaval	- Com nº 5, 4, 6, 3, 7 e 2 - Aproximação do Carnaval - Necessidade da Operação pela falência da Segurança Pública	- Com nº 7, 2 e 3 - Soldado desviou material militar; - Contribuição para agravar o problema de segurança	- Com nº 7, 2 e 3 - Bomba em prédio público? - Soldado preso pela polícia?	-
		Foto ou Infográfico	-	- Grande quantidade de tropas - Semelhança com a foto nº 2 (mais do mesmo?)	-	-	-
		Inserção Gráfica do Título	- Redundância com os elementos gráficos que o circundam - Divisão de responsabilidades com demais órgãos	-	- Enquadrado como “militar” - Generalização - Aproximação com assaltante de carros do Maracanã	-	-
		Enquadramento observado	- Presença da Tropa em grandes efetivos e aproximação do Carnaval - Divisão de responsabilidades com demais órgãos	- Grande quantidade de tropas, talvez ineficientes - Necessidade da Operação pela falência da Segurança Pública - Aproximação do Carnaval - (mais do mesmo?)	- Soldados participantes da operação enquanto possíveis problemas de segurança	- Possibilidade de desvio de material militar durante a operação	-

Fonte - O Autor (2016)

A análise da camada gráfica denota, assim, um enquadramento principal sobre a operação como um todo, que ocupa maior espaço na parte superior da página, envolvendo o emprego de grande quantidade de tropas de diversos órgãos federais, a necessidade da Operação pela falência da Segurança Pública e a aproximação do carnaval.

Existe, porém, um enquadramento secundário ao campo semântico Exército, na parte inferior da página, por meio do qual um soldado do Exército inserido em uma generalização no termo “militar”

levanta a questão da participação de soldados em problemas de segurança pública e a possibilidade de desvio de material militar durante a operação, ao mesmo tempo em que a granada se aproxima à suspeita de bomba em prédio público. Em resumo, o reforço proporcionado pelas “Tropas federais” é tido como necessário, porém, existe grande possibilidade de que o mesmo seja ineficiente, ou pior, que agrave os problemas de segurança pública.

4.2.2 análise da camada textual da primeira reportagem

A análise da camada textual da primeira reportagem, constante na página de jornal do dia 1º de março de 2003, inicia-se pela separação dos fatos que compõem a matéria. Assim, podem-se citar, na sequência em que estão descritos:

1. Título: “Tropas Federais já ocupam ruas para garantir a paz durante o carnaval”
2. Linha Fina: “Operação com três mil homens terá atiradores de elite em helicópteros”
3. Lead: início da operação, planejamento conjunto (Município, Estado e Governo Federal), participação de diversos órgãos federais;
4. Intertítulo: “Exército mantém sigilo sobre atuação das tropas”;
5. Patrulhas na região metropolitana, características das tropas e quantidade;
6. Término da operação, coordenação a cargo do Comando Militar do Leste;
7. Porta-voz da operação (coronel chefe da Comunicação Social do Comando Militar do Leste) diz não poder revelar onde nem como os soldados vão agir;
8. Palavras do porta-voz: quartéis prontos desde ontem/lei da pior hipótese;
9. Emprego de tropas na Rio 92 (suitado²);
10. Presença do Exército foi pedida por Rosinha a Lula e o motivo do pedido foi a crise na segurança pública, ocasionada pela retirada de regalias de chefões do tráfico de Bangu I;
11. Troca de tiros no Morro do Vidigal (suitado³);
12. Informações sobre os feridos na troca de tiros no Morro do Vidigal.

² Informação já veiculada, utilizada para contextualizar a narrativa.

³ Idem.

Figura 2 – 1ª Reportagem a ser analisada

PODER PARALELO: *Ações reúnem governos municipal, estadual e federal*

Tropas federais já ocupam ruas para garantir a paz durante o carnaval

Operação com três mil homens terá atiradores de elite em helicópteros

Múcio Bezerra

• Começou às 12h de ontem a Operação Guanabara, planejada em conjunto entre município, estado e governo federal para dar segurança ao Rio durante o carnaval. Participam soldados do Exército, da Marinha e da Aeronáutica; agentes da Agência Brasileira de Informações (Abin); polícias Federal, Rodoviária Federal e Militar; e a Guarda Municipal, sob coordenação do Centro de Operações de Segurança Integrada (Cosi), sediado no Comando Militar do Leste.

Exército mantém sigilo sobre atuação das tropas

No início da tarde já havia patrulhas na Região Metropolitana. Estão nas ruas tropas de elite da Brigada Pára-Quedista; do Batalhão de Forças Especiais (FE) e do Centro de Inteligência, a pé ou em veículos. O Exército também está com atiradores de elite de prontidão em helicópteros, que sobrevoam pontos considerados críticos do Rio. Cerca de três mil homens estão sendo mobilizados.

A Operação Guanabara, prevista inicialmente para terminar na Quarta-Feira de Cinzas, será coordenada pelo comandante militar do Leste, general Luiz Seldon da Silva Muniz. Por motivo de segurança, os detalhes da operação não serão divulgados pelo Comando Militar do Leste.

O coronel Ivan Cosme de Oliveira Pinheiro, chefe de Comunicação Social do Comando Militar do Leste, disse que não poderia revelar onde nem como os soldados vão agir,



CAMINHÕES DO Exército transportam homens que trabalharão no esquema, que não tem data para acabar

mas garantiu que a atuação das tropas federais será plenamente notada pela população da Região Metropolitana.

— O Exército vai atuar para garantir a lei e a ordem. Não podemos divulgar o efetivo que atuará na operação, mas os quartéis já estão de prontidão. Num planejamento militar, trabalhamos sempre com a lei da pior hipótese e já estamos prontos para atuar desde ontem (anteontem) — disse o coronel Ivan Cosme.

Esta é a primeira vez que tropas federais atuam para dar segurança ao carnaval do Rio. Soldados do Exército, da Marinha e da Aeronáutica já patrulharam a cidade durante

a conferência Rio-92 e, mais recentemente, para garantir a tranquilidade nas eleições, no ano passado. Na ocasião, o Rio foi palco de atos violentos promovidos por traficantes de drogas, a exemplo do ocorrido semana passada.

Presença do Exército foi pedida por Rosinha a Lula

As tropas federais foram pedidas ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva pela governadora Rosinha Matheus depois dos acontecimentos da última segunda-feira, quando traficantes atacaram e incendiaram ônibus, jogaram bombas em prédios e obrigaram boa parte do comércio a fechar as portas, em protesto contra a

retirada de algumas regalias de chefões do tráfico presos em Bangu I, especialmente de Fernandinho Beira-Mar.

Duas pessoas ficaram feridas, anteontem à noite, durante tiroteio no Morro do Vidigal, em São Conrado. Policiais militares do Posto de Policiamento Comunitário (PPC) da favela trocaram tiros com bandidos no morro.

Uma moradora da comunidade, identificada como Josefa Severina da Silva, foi atingida por uma bala perdida em uma das pernas. Também ficou ferido sem gravidade o soldado PM Robson Pires Vianna, de 25 anos. Os dois foram socorridos no Hospital Miguel Couto, no Leblon. ■

Fonte – O GLOBO, 2003

O primeiro aspecto a se analisar é o lead. Para isso, é importante lembrar que esse deve responder às perguntas: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? e Por quê? Ao se observar a reportagem propriamente dita, verifica-se que as três primeiras perguntas foram amplamente respondidas no lead. A justificativa da ausência das respostas do “Onde?” e do “Como?” vêm explicitados no intertítulo “Exército mantém sigilo sobre atuação das tropas”, o que implica dizer que a falta dessas informações se deve ao sigilo mantido pelo Exército sobre a atuação das tropas.

Porém, chama a atenção a resposta ao “Por quê?”, organizada, apenas, nos três parágrafos finais da reportagem, ou seja, com uma reduzida importância se considerada a técnica redacional da pirâmide invertida. O porquê encontra-se diretamente relacionado à crise na segurança pública do Estado, fato que motivou o início da operação. A sequência de apresentação dos fatos expõe uma estratégia de coesão textual por meio da descrição da operação, citando os órgãos que participaram, características das tropas, como seriam coordenadas as ações, deixando em um segundo plano os motivos que a ocasionaram.

A ideia de tropas altamente especializadas está presente nessa descrição. O título: “Tropas Federais já ocupam ruas para garantir a paz durante o carnaval”, juntamente com a linha fina “Operação com três mil homens terá atiradores de elite em helicópteros” redundam a característica descritiva da reportagem.

Ao mesmo tempo, as ideias de grande quantidade de tropas e de alta especialização, presentes na matéria, também ocorrem no título e na linha fina. O lead repete a ideia da participação de diversos órgãos federais na operação, o que contribui para o uso de Tropas Federais, em detrimento de Forças Armadas ou Tropas do Exército.

Tabela 10 – Análise da Camada Textual da 1ª reportagem

1ª Reportagem	Análise da Camada Textual	Exército Brasileiro	tropa	Operação Guanabara	soldado	material militar	porta-voz da operação
		Lead e Sublide (quando houver)	- Coordenação pelo Exército	- Participação de diversos órgãos federais - Ausência do por quê da operação	-	-	
		Estratégia de coesão textual	- tropas descritas como de elevado grau de especialização	- descrição da operação - Sigilo quanto à atuação das tropas	- atiradores de elite em helicópteros	- helicópteros	“lei da pior hipótese”, “planejamento militar”, prontos desde ontem.
		Inserção textual do título/linha fina	- Tropas de diversos órgãos federais		- atiradores de elite em helicópteros	- helicópteros	- Contradição com as declarações do porta-voz

			- grande quantidade de tropas				
		Enquadramento observado	Grande quantidade de tropas federais, com elevado grau de especialização e coordenadas pelo Exército	- Participação de diversos órgãos federais e sigilo quanto à atuação das tropas - possível enquadramento favorável ao governo do Estado	- Elevado grau de especialização das tropas	- Material militar de alta tecnologia	- Utilização irônica de suas declarações no texto.

Fonte: O Autor, 2016

A organização dos dados na tabela 10 permite algumas deduções quanto à reportagem. Em primeiro lugar, percebe-se a intenção de minimizar os motivos que originaram a solicitação das tropas. Também é possível constatar uma tendência inicial de enquadramento positivo com relação às tropas do Exército que seriam empregadas, por conta da associação com tropas de elite, como Forças Especiais e Paraquedistas, o que é confirmado pela ideia de quantidade e pela menção a atiradores de elite e helicópteros.

Por outro lado, o porta-voz da operação responde pelo enquadramento que mais se opõe ao que vinha sendo delineado. A citação de suas declarações quanto à lei da pior hipótese, planejamento militar e prontidão desde “ontem” colocam-no em um patamar de distanciamento que acaba por conferir às suas declarações um enquadramento irônico por parte do jornal. Ao mesmo tempo, é ele que declara não poder divulgar qual o efetivo das tropas a serem empregadas, contradizendo a informação explícita na linha fina (provavelmente obtida por outras fontes), a forma de atuação das mesmas ou o local de emprego.

Feitas essas considerações, fica a dúvida se a tendência ao enquadramento observado na camada gráfica era preexistente ou foi agravada por um deficiente relacionamento com a mídia, praticado pela Força, naquele momento. Há de se convir que o referido repórter obteve reduzido material informativo, especificamente do Exército, que lhe permitisse preencher a meia página de jornal que lhe foi destinada, o que explicaria a tonalização na qual inseriu o porta-voz.

4.2.3 análise da camada vocabular das quatro reportagens

A análise da camada vocabular foi realizada de forma comparativa, com as demais reportagens, assim, seguem os dados obtidos, a título de ilustração.

Tabela 11 – Análise da camada vocabular das quatro reportagens

		EB	tropa	Operação Guanabara	soldado	material militar	porta-voz da operação
1ª Reportagem	Análise da Camada Vocabular Palavras e frases atribuídas		<ul style="list-style-type: none"> - Tropas Federais; - Diversos órgãos; - Patrulhas; - 3000 homens; - primeira vez que atuam no carnaval; 	<ul style="list-style-type: none"> - planejada em conjunto; - Dar segurança ao carnaval; - Centro de Operações de Segurança Integrada no CML; - Prevista para terminar na quarta-feira de Cinzas; - Presença pedida pela governadora 	<ul style="list-style-type: none"> - Paraquedista; - Forças Especiais; - Atiradores de elite 	<ul style="list-style-type: none"> - Helicópteros 	<ul style="list-style-type: none"> - Detalhes não serão divulgados; - Sigilo; - planejamento militar; - lei da pior hipótese; - prontos desde ontem.
2ª Reportagem			<ul style="list-style-type: none"> - Forças Armadas; - 3 mil homens; - reforço no policiamento 	<ul style="list-style-type: none"> - Ocasionada pela onda de violência na cidade; - Considerada pelo Secretário de Segurança Pública como policiamento ostensivo 	-	-	-
3ª Reportagem			<ul style="list-style-type: none"> - Forças Armadas; - Policiais e soldados; - Troca de tiros entre traficantes e o Exército; - O objetivo do Exército não era atirar em alguém. 	<ul style="list-style-type: none"> - morte do professor – incidente; - Primeira vez desde a Operação Rio; - Apesar de apoiar a presença do Exército nas ruas, (...) - Operação de grande envergadura/ fatos previsíveis. 	<ul style="list-style-type: none"> - Atiraram contra o veículo; - Socorreram a vítima; - Oficial do Exército; - Paraquedista. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fuzil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Nota; - Boletim.
4ª Reportagem			<ul style="list-style-type: none"> - Forças Armadas - Não treinadas para atuar em segurança pública 	<ul style="list-style-type: none"> - Militares patrulhando o Rio - Apesar de favorável à participação das Forças Armadas no policiamento, (...) - Ação deveria ser ampliada - Patrulhamento ostensivo - “chamada” Operação Guanabara 	<ul style="list-style-type: none"> - Cariocas gostariam de vê-los por mais tempo nas ruas; - Não se aproximaram do local durante o tiroteio; - Vendedores lamentavam saída dos soldados; - Sensação de segurança; - Não reduziram a criminalidade; - Mais confiáveis que os policiais. 		<ul style="list-style-type: none"> - Soldados não foram acionados pela PM; - A 200m não dá para ver o que acontece; - Tirando o fato lamentável não houve acontecimentos de grande repercussão.

Evolução do Enquadramento	<ul style="list-style-type: none"> - Tropas federais - Forças Armadas <ul style="list-style-type: none"> - Exército - Ideia de quantidade - Policiais e soldados; 	<ul style="list-style-type: none"> - planejada em conjunto; pedida pela governadora; - policiamento ostensivo/ Operação de grande envergadura; - Repetição do “apesar” de 	<ul style="list-style-type: none"> - Tropas de elite (dois lados); - Falsa sensação de segurança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Helicópteros e fuzil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Acabou por corroborar os enquadramentos fornecidos pelo Jornal.
---------------------------	---	--	---	---	---

Fonte: O Autor (2016)

A análise da camada vocabular permite estruturar os enquadramentos por cada um dos elementos significativos do campo semântico Exército Brasileiro.

Assim, para a tropa verificou-se uma evolução de significados atribuídos que partiu de uma profunda integração com os diversos órgãos federais, para a caracterização por Forças Armadas, no momento mais controverso e no final da operação. Nas ações críticas, como o tiroteio com traficantes e a morte do professor, a denominação adotada foi Exército. A ideia de grande quantidade de militares também foi explorada, particularmente nas fases iniciais. Houve, também, a aproximação entre soldados e policiais, retratando o que de fato ocorria nas ruas.

A Operação Guanabara também sofre uma evolução de enquadramentos, tendo sido originalmente solicitada pela governadora e planejada para ser concluída na quarta-feira de cinzas, passa a ser considerada como “patrulhamento ostensivo” e uma operação de grande envergadura em que mortes são previsíveis. Ao mesmo tempo, na primeira e na última reportagem, surge a referência a uma possível permanência das tropas, solicitada pelo Estado. Ressalte-se a presença, nas duas reportagens finais, da expressão “apesar de” seguida de um campo semântico que indica o apoio da opinião pública à presença dos militares, como se essa ideia precisasse ser contraposta pelas reportagens, que apresentavam dados estatísticos relativos ao carnaval do ano anterior. Ressalte-se que a comparação estatística com o carnaval do ano anterior é inócua, porque a crise de segurança pública que motivou a operação ocorreu no período imediatamente anterior ao carnaval.

O soldado é mencionado, particularmente, enquanto tropa de elite em dois momentos, no princípio da operação, de forma, talvez, a atender a demanda por segurança, e depois, na ocasião da morte do professor, com o intuito de reforçar a ideia de que nem a tropa de elite do Exército foi capaz de reduzir a criminalidade no carnaval, ao contrário, contribuindo para agravá-la. Porém, dentro do campo semântico Exército, essa categoria foi a que teve retratada uma maior empatia por parte da população.

O material militar apareceu retratado como “helicópteros” no início da operação, em consonância com a ideia de atender a demanda por segurança, e depois, evoluiu para “fuzil”, quando

ressalta a ideia de periculosidade a que estava exposta a população pela dispersão de tropas despreparadas para atuar em Segurança Pública.

As declarações do **porta-voz** acabaram por favorecer os enquadramentos já estabelecidos pelo jornal, permitindo a utilização das mesmas como veículo de redundância desses enquadramentos ou como a própria caracterização do que o jornal já pretendia retratar. A ideia de que “a 200 m não dá para ver o que acontece” redonda a argumentação do Governo Federal de que as tropas não estavam preparadas para atuar como polícia e “os soldados não foram acionados pela PM”, por exemplo, indica a colocação das tropas federais sob a decisão da Polícia Militar do Estado.

A camada vocabular, portanto, reforça o observado na análise das outras duas camadas em que se articularam os enquadramentos dados aos fatos relativos à Operação Guanabara. A organização dos dados, proposta em uma tabela única, facilita observar a evolução do enquadramento, que no caso descrito, vai se agravando, entre uma reportagem e outra. É interessante levantar, nesse caso, que o próprio jornal explicita o início e o término da operação, este último previsto para a quarta-feira de cinzas.

4.3 INTERPRETAÇÃO

Duas vertentes de enquadramento concorrentes e coexistentes podem ser descritas como resultantes da análise realizada:

Na laminação gráfica e na camada textual, é possível identificar um “*padrão persistente de cognição, interpretação e apresentação*” (PORTO, 2004 apud SOARES, 2006, grifo do autor, p.451) em que duas ideias principais estão propostas desde a primeira página de jornal, na qual consta uma matéria acerca da operação: a periculosidade provocada pela presença das tropas dispersas nas ruas e sua caracterização como ineficientes. A presença desse enquadramento, logo no início da operação, denota a adoção de uma linha editorial que permitiu aos manipuladores de símbolos organizarem o discurso referente às ações militares, por meio da seleção, ênfase e exclusão de fatos durante toda a cobertura jornalística. Isso significa dizer que havia uma predisposição em retratar os aspectos atinentes à Operação Guanabara tendo por base as ideias mencionadas, quais fossem periculosidade e ineficiência.

Já a camada vocabular denota uma mudança do enquadramento para um discurso negativo para a imagem da instituição, fruto do decorrer da operação e, particularmente, motivada pela morte do professor. Esse fato reforçou o quadro já estruturado pelo veículo de comunicação, o que redundou na escolha vocabular, que, inicialmente, não era tão negativa. Quanto a isso, cabe, em primeiro lugar, a observação de que análises laboratoriais indicaram que apenas 25% do texto jornalístico é lido, o

que confere à escolha vocabular uma menor importância diante das outras duas camadas para o jornal. Ao mesmo tempo, o acontecimento extraordinário do falecimento do professor ao atravessar um bloqueio, se encaixa perfeitamente na citação abaixo:

(...) apenas os acontecimentos extraordinários são notícia, e mesmo estes são submetidos à violência editorial praticada rotineiramente por redatores afáveis. Nossa compreensão do mundo precede essas histórias, determinando quais delas os repórteres selecionarão e como serão contadas aquelas que foram selecionadas. (GOFFMAN, 2012, p.38).

Assim, a compreensão que o jornal possuía da operação, demonstrada na análise da primeira reportagem, determinou a forma como o acontecimento foi selecionado e editado.

O esquema primário para a Operação Guanabara poderia ser descrito como uma operação militar destinada a prover a segurança da cidade do Rio de Janeiro apenas durante o carnaval, na qual, diversas atividades foram realizadas pela tropa, algumas mais exitosas e outras menos, incluindo o fato de um motorista ter sido alvejado por militares ao atravessar um bloqueio.

A discussão quanto à permanência ou não das tropas, observável na tabela da camada vocabular, o aumento do risco para a população pela dispersão das tropas armadas pela cidade e a ineficiência da operação propriamente dita, sem que se estabelecessem como parâmetro de comparação o período imediatamente anterior ao Carnaval, não passam de efeitos de quadro, cabe dizer, extremamente nocivos para a imagem do Exército Brasileiro.

5 CONCLUSÃO

O Exército Brasileiro é uma Instituição de Estado, composta por cidadãos de diversas origens. A forma como é representado impacta profundamente na autoestima de seus integrantes, repercutindo em todos os aspectos de suas vidas, desde as relações sociais em que se inserem como indivíduos, até o próprio desempenho das atividades profissionais, momento em que devem agir sinergicamente em prol dos valores cultivados pelo grupo. As representações midiáticas, por outro lado, estão suscetíveis a diversas influências, desde as predisposições do profissional que colhe a informação até decisões políticas e comerciais dos detentores dos veículos de comunicação de maior circulação na sociedade.

Ao participar de operações de grande vulto, o Exército está sujeito a diversas possibilidades de enquadramento, que podem incluir, por um lado, o simples preconceito e, por outro, decisões políticas de amplo espectro, que visam a influenciar a opinião pública em prol da obtenção de apoio a determinados grupos. A capacidade de vislumbrar o cenário em que a Instituição irá se inserir pode facilitar o assessoramento aos decisores, bem como propiciar um relacionamento adequado com “as personalidades editoriais coletivas” dos veículos de mídia.

O instrumento proposto mostrou-se útil ao permitir inferências para a composição de cenários prospectivos, em que aproximações de interesses podem ser vislumbradas, bem como tendências de enquadramento. A essência da proposta é simples e resume-se apenas a uma sugestão de leitura dirigida de jornal.

A sistemática dessa leitura, entretanto, consiste na contraposição do material jornalístico à técnica e ao processo de composição preconizados por manuais redacionais e gráficos. Ao antepor o *corpus* textual ao método usado para sua composição, as escolhas do grupo humano que produziu aquele *corpus* começam a aparecer. A partir daí, basta organizá-las de forma compreensível, para que se possam vislumbrar motivações e linhas editoriais por trás dos quadros.

É interessante ressaltar que as considerações realizadas durante a análise foram transcritas apenas para ilustrar a aplicação do método, sendo desejável a utilização da ferramenta como processo mental de raciocínio, apoiado no preenchimento das tabelas. O conhecimento advindo da observação está voltado para o fornecimento de *insights* que vão amparar o relacionamento dos Oficiais de Comunicação Social com a mídia.

Como o jornalismo televisivo e o radiofônico também possuem técnicas de construção já descritas e originárias do jornalismo impresso, é de se supor que o mesmo processo possa ser aplicado para a composição de uma proposta de análise de enquadramento, adequada às características desses meios.

Assim, a ferramenta de pesquisa “análise de enquadramento jornalístico”, adaptada à atividade de Assessoria de Imprensa, mostrou-se a resposta adequada ao problema de pesquisa, não só proporcionando um clipping qualitativo detalhado, como também, permitindo inferências sobre a linha editorial do veículo analisado.

REFERÊNCIAS

- BONELLA, Marcos André et al. *Relações Públicas & Exército Brasileiro: uma proposta de comunicação institucional para a Força Terrestre*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: CEP/FDC, 2015.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. C45-1: Comunicação Social. Brasília: EGGCF, 2009.
- CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016
- COMANDO DO EXÉRCITO. *Falando com a Imprensa*. Brasília: Centro de Comunicação Social do Exército, 2013.
- CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da. *Agora é Lula: Enquadramentos do Governo do PT Pelo Jornal Nacional*. 2005. 198 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru.
- FOLHA DE S. PAULO. *Manual da Redação*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 1970. Aula inaugural. College de France. São Paulo: Loyola, 1996.
- GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Tradução de Gentil A. Tilton. Petrópolis: Vozes, 2012.
- O GLOBO. *Memória*. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/primeira-sede-9657099>>. Acesso em: 28 Set 2016
- KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. *Administração de Marketing*. 12. ed. São Paulo: Pearson Education, 2006.
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Tradução de RIBEIRO, Vera. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- MARINHO, Roberto Irineu, MARINHO, João Roberto; MARINHO, José Roberto. *Princípios Editoriais das Organizações Globo*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#principios-editoriais>>. Acesso em: 23 ago. 2016.
- PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- PENTEADO, Roberto. *Análise e mineração de textos e dados*. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006. p. 421 – 449.
- SILVA, Wesley Veras; SANTOS, Amarilis Cardoso. *Relações Públicas e Gestão de Clipping*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 14., 2012, São Luís. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em:

<www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0797-1.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SOARES, Murilo Cesar. Análise de Equadramento. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2006. p. 450 – 465.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de Jornalismo Impresso. Porto, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2016.